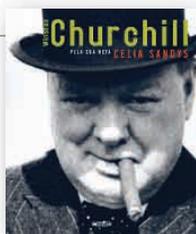


HOMENAGEM





Winston Churchill, o meu Avô



Perguntam-me frequentemente qual a recordação preferida que guardo do meu Avô. Esta é para mim uma pergunta impossível de responder.

63

Apenas conheci um dos meus avôs e assumi naturalmente que ele era como qualquer outro avô. Se tivesse que descrever um avô, este seria um homem carinhoso e muito amado, vestido com um *siren suit*, a fumar um grande charuto, e toda a gente – secretárias, colegas, amigos e família – numa correria para tornar a sua vida o mais confortável e fácil possível.

Era um homem que parecia ter um conhecimento e interesses infindáveis, que recitava poesia, fazia as pessoas rir e adorava animais, andar no seu jardim em Chartwell e, sobretudo, adorava pintar. (...) Fui-me apercebendo a pouco e pouco que havia algo de muito especial no pai da minha mãe, com quem passei muito tempo, enquanto crescia. Os primeiros vinte e um anos da minha vida estão cheios de recordações, nas quais ele está presente. Mas a recordação permanente é de um afecto caloroso e de humor.

Enquanto criança, o jovem Winston e o seu irmão Jack passavam férias, sob os cuidados de Mrs.

Everest, no Palácio de Blenheim, a casa ancestral dos Churchills e onde Winston nasceu. O meu irmão, a minha irmã e eu própria passávamos umas férias parecidas, mas numa menor escala, em Chequers, a residência oficial do Primeiro Ministro, e em Chartwell, a casa de campo dos meus avôs.

Assim descreveu Churchill Mrs. Everest: “A minha ama era a minha confidente. Foi a ela que desabafei todas as minhas preocupações.” Quando ela morreu em 1894, disse que tinha perdido “a mais querida e íntima das amigas ao longo dos vinte anos da minha vida”. (...)

Lembro-me bem das visitas a Chequers no início dos anos 50. Não existia a política vitoriana que ditava que as crianças são para ser vistas e não ouvidas. Mal conseguíamos segurar uma faca e um garfo e sentar-nos numa cadeira normal, éramos sentados à mesa de jantar, independentemente da companhia. Presidentes, políticos, e diplomatas deviam ficar surpreendidos ao ver-nos. Para nós, a excitação de estar com os adultos diminuía



perante o dever de portar-nos à altura durante, o que eram para nós, refeições intermináveis. O primeiro Natal que me lembro foi em Chequers em 1951. Hollywood não teria feito melhor do que a minha avó, uma perfeccionista em tudo o que fazia. A árvore mais alta, o maior peru, centenas de presentes arrumados em grupos na grande entrada. Canções de Natal, lanches, Pais Natal e multidões na igreja para desejar-nos um Bom Natal.

Enquanto celebrávamos, o país tinha que ser dirigido. Uma equipa de secretárias permanentemente disponíveis, canetas poisadas, prontas para escrever o que Primeiro Ministro ditava dia e noite, vestido no seu *siren suit* de veludo e chinelos dourados com monograma a condizer.

Os momentos familiares alternavam-se com grandes acontecimentos, onde, se possível, as crianças eram incluídas. A coroação, de onde vimos a proclamação de uma varanda em Whitehall e trememos de alegria quando o Avô acenou-nos da sua carruagem com o seu magnífico chapéu com pluma. Quando foi empossado Cavaleiro da Ordem da Jarreteira na Capela de São Jorge, em Windsor (...).

O octagésimo aniversário do meu avô foi motivo de alguma preocupação na família. O problema era o retrato encomendado pelo Parlamento para oferecer-lhe de presente. Corria o rumor que não era muito lisonjeador. Lembro-me dos pais imaginarem como reagiria. Ninguém estava preparado para o quadro quando foi revelado. Perante um suspiro horrorizado da audiência, Churchill fez a seguinte observação, com um sorriso torcido e o seu humor característico: “É um exemplar notável de arte moderna”.

Quando não estava no governo, a vida familiar centrava-se em Chartwell, onde Churchill mais gostava de estar. Para ele, “um dia longe de Chartwell era um dia perdido”. Era em Chartwell onde estava mais descontraído. Íamos visitá-lo de manhã e encontrávamo-lo a tomar o pequeno almoço na cama, rodeado de jornais, com Toby, o *budgerigar*, a voar pelo quarto. Esperávamos pacientemente que estivesse pronto para passear. Acompanhados por Rufus, o seu cão de água castanho, íamos dar comida aos peixes que nadavam nos tanques que ele próprio tinha feito, e aos cisnes negros no lago – um presente do governo australiano.

O aniversário do Avô a 30 de Novembro era um evento obrigatório. Todos queríamos estar presentes. O magnífico bolo. O champanhe a borbulhar nos copos cintilantes. O cheiro dos bons charutos.

Os charutos eram o presente óbvio. Eu ia com a minha mãe, solenemente, comprar um único charuto. Ainda consigo sentir a alegre excitação de sentar-me ao colo do Avô enquanto ele solenemente acendia e fumava O MEU CHARUTO.

As recordações permanentes que tenho do meu avô

são na casa de jantar em Chartwell. Aí nos reuníamos para refeições elegantes e sumptuosas, em que cada uma era um momento especial. Vestido, como de costume, num dos seus famosos *siren suits* de veludo, ficava muito feliz quando rodeado por mais família quanto possível. No meu pensamento, estes acontecimentos ainda estão banhados numa áurea de luxo incandescente.

Como resultado do gosto de meu avô pelos prazeres da vida, foi a certa altura sugerido que fumava mais charutos e consumia mais álcool do que o razoável – o que era verdade! No entanto, nunca conheci ninguém que alguma vez o tenha visto desesperado por uma bebida. Gostava, no entanto, de ter um copo e um charuto por perto. O copo cheio permanecia intacto durante longos períodos de tempo e o charuto, já apagado, ficava frequentemente no cinzeiro. Uma vez observou: “Já consumi mais álcool, do que o álcool me consumiu a mim”. (...)

Um dos grandes prazeres do meu avô eram as corridas de cavalos. Chegou o dia em que decidiu dar ao seu novo cavalo de corrida o nome do seu champanhe preferido produzido pela amiga Odette Pol Roger. Em muitas ocasiões levantámos os nossos copos de Pol Roger para brindar a Pol Roger.

Winston Churchill tinha um especial gosto por champanhe e pela guerra. Pode-se dizer que era um *connoisseur* de ambos. (...) Pensando na guerra, disse: “Não poderia viver sem champanhe. Na vitória, mereço. Na derrota, preciso.”

Na primavera de 1959, estávamos a almoçar em Chartwell, quando o meu Avô perguntou à minha mãe se ela, e eu, gostaríamos de viajar com ele no iate de Onassis. Semanas mais tarde, equipada com o que parecia o enxoval de uma noiva, embarcámos no “Christina” em Montecarlo, prontas para as férias mais deslumbrantes que se possa imaginar.

Ao sairmos do porto em direcção a Itália, Grécia e Turquia, a lista de convidados parecia sair das páginas de um romance de Agatha Christie. O armador e magnata multi-milionário e a sua linda e jovem mulher, os seus dois filhos Alexander e Christina. A Diva Maria Callas e o seu velho marido. Winston Churchill, a sua mulher Clementine, a filha Diana e a neta Celia. E ainda o habitual *entourage* Churchilliano – um secretário particular e a mulher, um guarda costas, um mordomo e uma empregada.

O cenário estava montado para umas férias idílicas no iate mais luxuoso e companhia deslumbrante. Ari e Tina Onassis eram anfitriões muito atenciosos. Maria Callas era uma convidada muito irritante. (...)

Invejosa por ter que partilhar as atenções, Callas decidiu torná-lo em sua vantagem. Os seus *paparazzi* pessoais esperavam-nos para fotografá-la o mais perto possível de Churchill. Era lhe dada informação errada sobre os nossos planos e o seus seguidores deixavam o

nosso trilho. A paz reinava durante um pouco.

Um dia chegamos ao magnífico anfiteatro em Epidaurus, que estava coberto de flores. Callas disse à minha Mãe: “*Que povo tão amável, que bonitas flores, mas porque têm a forma de um V?*”. Nunca esquecerei o ar furiosos da diva quando a minha mãe respondeu, “*porque Maria, as flores não são para ti, mas para o meu pai!*”

Não era apenas o comportamento mimado e malcriado de Callas que nos preocupava. A cada dia que passava, tornava-se cada vez mais claro que um romance despontava perante os nossos próprios olhos. Onassis e Callas embarcaram num dos romances mais famosos do século. No fim do cruzeiro ambos os casamentos teriam acabado, mas durante a viagem o espectáculo tinha que continuar. E assim foi: Itália, Grécia, Turquia, o Bósforo, e as Dardanelas durante a noite para não entristecer Churchill.

O jovem príncipe Juan Carlos, futuro Rei de Espanha, a cantora Gracie Fields, o Patriarca da Igreja Ortodoxa Russa vieram apresentar os seus cumprimentos. (...)

Estas foram as minhas primeiras férias com o meu avô. Aconteceu ser uma neta disponível e na idade apropriada para acompanhá-lo ao Sul de França nos anos seguintes. Esta foi a minha primeira experiência de grandes hotéis, na realidade, de qualquer hotel. Punham o meu banho a correr, as minhas roupas eram arrumadas e havia sempre alguém disponível para mim. Assumi naturalmente que os hotéis eram sempre assim. (...) Estas eram essencialmente férias para o meu



avô pintar, no calor do sol mediterrâneo. Viajar com Winston Churchill não me preparou de forma nenhuma para as viagens modernas. (...)

Tendo vivido com despesas que sempre excediam o seu rendimento, o meu avô era muito compreensivo quando se tratava de dinheiro. Perguntava frequentemente: “Estás bem de dinheiro?”, enquanto pressionava um maço de notas na minha mão. Eu agradecia e imaginava se teriam sido os seus ganhos da noite anterior no Casino.

A minha mãe e eu estávamos com ele quando deu a última pincelada num dos seus últimos quadros. Uma encantadora natureza morta de laranjas e limões, uma memória permanente das férias no Mediterrâneo – o quadro está no meu escritório, em casa. Cada vez que olho para ele recordo esse dia e espero que o Avô esteja a cumprir a ambição que tinha para a vida depois



da morte, tal como escreveu: “*Quando for para o Céu espero passar uma parte considerável dos primeiros milhões de anos a pintar e chegar assim ao cerne da questão.*”

Quando fiz dezoito anos, iniciei A Temporada, o que significava que passaria o Verão em bailes de debutantes, festas e corridas em Ascot, todas estas actividades, relíquias de um

tempo passado, pensadas para se encontrar um marido adequado. Era um intervalo muito divertido entre a escola e o mundo dos adultos. Decidi dar o meu baile no fim da temporada para poder ter mais amigos. À medida que a data se aproximava, preocupava-me que pudesse ser um fiasco, depois de tantas festas.

HOMENAGEM WINSTON CHURCHILL

Não precisava de me ter preocupado. A partir do momento em que o meu avô entrou, foi sucesso garantido. Ficou até à uma da manhã a fumar o seu charuto, bebericando champanhe e batendo os pés ao ritmo da música.

Os meus avós sempre receberam bem os meus amigos em Chartwell. Depois de um dia agradável de *croquet* e chá no relvado, sentar-nos-íamos para o habitual jantar sumptuoso. Depois do café, a minha avó levantava-se da sua cadeira, deitava um olhar às senhoras e deixavam os homens com o seu *brandy* e charutos. Nunca esquecerei o olhar aterrorizado de um jovem quando realizou que iria ficar sozinho com Winston Churchill. Depois contou que cedo descontraíu, pois o meu avô estava sempre interessado em falar com pessoas jovens. Ele nunca esqueceu a experiência.

Um dia, no Verão de 1962, a paz acabou quando o Avô caiu e partiu a anca em Montecarlo. Não queria morrer em solo estrangeiro, o que aos oitenta e oito anos era uma grande possibilidade.

O Primeiro Ministro Britânico, Harold Macmillan, mandou um VC10 da Royal Airforce para trazê-lo para casa. Ao segurar a sua mão, deitado na maca no avião despojado, nunca duvidei que aguentaria. Ele tinha predito que morreria no mesmo dia que o pai e faltavam ainda seis meses para essa data. Quando foi transferido do avião para a ambulância que o esperava, reuniu forças para fazer o V àqueles que o rodeavam.

A vida continuou, mas mais lentamente. Houve uma visita final a França, mas passou o seu tempo entre Chartwell e a casa de Londres em Hyde Park Gate.

Tenho a certeza que nós, mais velhos, sabemos onde estávamos no dia que o Presidente Kennedy morreu. Eu estava com os meus avós, e vimos os três a televisão, à medida que a terrível história se desenrolava. Nunca os tinha visto a ver televisão.

Era um aparelho moderno deixado para os convidados numa outra sala.

Nesse dia, a televisão estava na mesa da casa de jantar, onde nos sentámos, à medida que a história se fazia perante os nossos olhos. Escorriam lágrimas pela cara do meu avô, quando chegaram as notícias de que o jovem presidente tinha morrido. E novamente, ao ver a sua bonita mulher, corajosa, perante o juramento do novo presidente, com a roupa ainda ensanguentadas. A todos nos pareciam jovens, mas quão jovens terão parecido ao velho homem, no seu nonagésimo ano.

A 30 de Novembro de 1949, no seu septuagésimo quinto aniversário, Churchill disse: “Estou pronto para encontrar o meu criador. Se o meu criador está pronto para a grande provação que é conhecer-me, é outra questão”.

Quinze anos mais tarde celebrámos o seu nonagésimo aniversário. Todos pensamos que esse encontro não seria atrasado por muito mais tempo.

Seis semanas depois parecia que o inevitável estava para acontecer. (...) Ela tinha predito o dia em que morreria. Assim foi, cedo na manhã do dia 24 de Janeiro de 1965, que nos reunimos à volta da sua cama para nos despedirmos. No espaço de setenta anos e alguns minutos desde que Lord Randolph morrera, Winston Churchill escapou-se imperceptivelmente, para se encontrar com o seu criador.

A máquina do Estado começou a por em acção o que anos antes tinha sido chamada “Operation Hope Not”. Pessoas vindas de todo o lado fizeram fila durante horas para passar por Westminster Hall. Alinharam-se nas ruas para o Funeral de Estado. O fiel criado que tinha servido seis monarcas foi devolvido à sua família (...) Enterrámo-lo em Bladon, junto aos seus pais e praticamente à vista de Blenheim, onde tinha nascido há noventa anos.

Os primeiros anos vinte anos da minha vida foram passados a crescer com o meu



*When ears were deaf and tongues were mute,
You told of doom to come,
When others fingered on the flute,
You thundered on the drum.*

*When armies marched and cities burned
And all you said came true,
Those who had mocked your warnings turned
Almost too late to you.*

*Then doubt gave way to firm belief,
And through five cruel years
You gave us glory in our grief,
And laughter through our tears.*

*When final hours are bestowed
And last accounts are done,
Then shall we know how much was owed,
By all the world to one*



avô. Passei os meus últimos doze anos também com ele, mas de uma forma muito diferente. Viajei pelas cartas e diários da sua juventude.

Retomei as suas pegadas pelas florestas de Cuba onde combateu com as forças espanholas contra a guerrilha cubana. Viajei pela África do Sul revivendo as suas aventuras na Guerra Anlo-Boer. Em Marrocos, onde insistiu em levar o Presidente Roosevelt a ver “o pôr-do-sol nas montanhas Atlas”. E é claro, aos Estados Unidos, a quem ele chamava “o meu outro país”.

Aprendi muito sobre o homem que ao tornar-se Primeiro Ministro disse “sentia-me como se caminhasse com o destino, que toda a minha vida passada não tinha sido mais do que uma preparação para aquela hora e aquela provação.”

Recordei-me da sua crença no seu próprio destino, tal como escreveu aos 23 anos, numa carta a sua mãe: “Tenho fé na minha estrela, estou destinado a fazer algo no mundo”

A sua coragem física como moral têm sido constantemente evidenciadas. O seu poder de comunicação e o seu sentido de humor duro. Diz-se que Hitler poderia fazer-nos acreditar que ele era capaz de tudo, mas Churchill fazia-nos acreditar que nós éramos capazes de tudo.

Sem pompa, a sua perspicácia lidava com o tipo de situações embaraçosas nas quais os líderes por vezes

se encontram. Numa conferência durante a guerra, um GI embriagado apareceu à porta e dirigiu-se a Churchill: “Ó gordo, onde é a retrete?”. O Primeiro Ministro respondeu: “Vire à esquerda ao fundo do corredor. Na porta está escrito “Cavalheiros”, mas não deixe que isso o detenha.”

Churchill mostrou como a sagacidade e o humor são parte útil do arsenal do dia-a-dia. Quando um opositor num debate parlamentar reparou que Churchill estava aparentemente a dormir, perguntou: “É suposto adormecer enquanto eu falo?”. Churchill, sem abrir os olhos, respondeu, “não, é puramente voluntário”.

Quando Lady Astor, uma oponente política disse, “Winston, se fosse meu marido, eu envenenaria o seu café”, ele respondeu imediatamente, “se fosse minha mulher, eu o beberia.”

O que teria acontecido se Winston Churchill não fosse chamado a conduzir os destinos do seu país naquela que foi a sua hora mais negra?

Sem ele, quem, nas palavras do Presidente Kennedy ao torná-lo cidadão honorário dos Estados Unidos da América, teria mobilizado a língua inglesa para a Batalha? Quem mais poderia ter proferido com tão poderoso efeito as palavras “Sangue, Suor e Lágrimas?”

Sem Winston Churchill o mundo seria um lugar muito diferente.